EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA E REPRESENTATIVIDADE: IMPACTO NA FORMAÇÃO DE IDENTIDADE INFANTIL

DANIELE MARTINS DA SILVA

RESUMO

A presente pesquisa discute a educação antirracista e a representatividade como fatores determinantes na formação da identidade infantil, destacando o papel do professor e a contação de histórias como ferramentas pedagógicas de enfrentamento ao racismo. A partir de revisão bibliográfica e análise das políticas educacionais, em especial a Lei nº 10.639/2003 e o currículo da cidade antirracista, buscou-se compreender como as práticas escolares podem contribuir para a valorização da diversidade cultural e étnica. Evidenciou-se que a infância constitui uma fase sensível para a construção da autoestima, do pertencimento e do reconhecimento de si, sendo a representatividade positiva fundamental para crianças negras e não negras. Nesse contexto, o professor assume papel central como mediador cultural, responsável por selecionar narrativas e experiências que valorizem a história e a cultura afro-brasileira. A contação de histórias, ao integrar personagens, tradições e símbolos identitários diversos, mostra-se um recurso potente para a implementação da educação antirracista, favorecendo a formação de sujeitos críticos, empáticos e conscientes de seu lugar no mundo. Os principais autores da pesquisa foram Niehues e Costa (2012) que falam a respeito da concepção de infância; Abramowicz et al (2010) que fala sobre a construção da identidade da criança negra, de como ela é vista pela sociedade e encara a si mesma; Silva et al (2015) que refletiu sobre a reprodução dos estereótipos e desvalorização da criança negra no ambiente escolar; Santos (2017) que reforça a importância da literatura infantil que abordem a diversidade racial na escola e exemplifica livros e a contação de história como recurso indispensável a construção da identidade de maneira positiva na vida de crianças negras e por fim, Cavalcante (2024) que especifica o papel do professor frente à educação antirracista. Conclui-se que investir na formação docente e na inserção de práticas narrativas inclusivas no cotidiano escolar é condição indispensável para o fortalecimento de uma educação comprometida com a equidade racial e com a justiça social.

Palavras-chave: Educação Antirracista; Representatividade; Contação de Histórias; Identidade Infantil.

INTRODUÇÃO

A partir da promulgação da Lei 10.639/2003, a discussão sobre a educação antirracista tornou-se mais efetiva e ampla em todo o Brasil, tornando obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira no currículo escolar. Por conta disso, a educação passou a repensar e adotar novas práticas de combate ao racismo na escola, já que historicamente, reproduziram estereótipos e invisibilizaram a contribuições dos povos negros e indígenas na formação da sociedade brasileira.

Pensando na construção de identidade infantil e combate ao racismo, a representatividade negra acaba por tornar-se elemento central na construção de uma educação que valorize a diversidade cultural e promova a equidade racial. É na infância que se constrói a identidade, período em que as crianças constroem referências sobre si e o outro, portanto, adotar ferramentas que possam contribuir para erradicar os estereótipos de pessoas negras, que as coloca em lugar de inferioridade, fazendo acontecer exatamente o contrário, reforçando a ideia de uma autoimagem positiva no que se refere à criança negra se faz necessário desde a Educação Infantil.

O professor, portanto, ocupa posição estratégica. Historicamente, o professor foi visto como elemento central da educação básica, sendo um transmissor de conhecimentos, pautando-se em uma educação focada nos conteúdos e metodologias de ensino, já nesse cenário, o mesmo atua como mediador cultural, responsável por selecionar materiais didáticos, planejar atividades e conduzir práticas pedagógicas que favoreçam a o

pensamento crítico e a autonomia dos alunos, bem como adota uma visão mais humanizada, valorizando a identidade de cada um e a diversidade étnico-racial.

O presente artigo pretende analisar os benefícios do uso de narrativas inclusivas e representativas que contribuem para o desenvolvimento da empatia, do respeito às diferenças e da afirmação identitária, usando como principal recurso a contação de histórias que pode possibilitar à criança o contato com personagens, tradições e culturas diversas, promovendo a valorização das raízes afro-brasileiras e indígenas por meio da oralidade e da literatura infantil.

Assim, o objetivo principal dessa pesquisa é analisar a relação entre educação antirracista, representatividade e formação da identidade infantil, destacando o papel do professor e da contação de histórias como práticas pedagógicas essenciais para a implementação de uma educação comprometida com a justiça social e com o fortalecimento da identidade positiva das crianças.

No primeiro item, avaliaremos as diversas concepções de infância ao longo do tempo e de que maneira, a identidade negra foi sendo construída nos espaços escolares. Na sequência, discorreremos sobre a valorização da representatividade negra presente na literatura e de que forma ela impacta na construção dessa identidade e implementação da lei 10.639/03. Por fim, traremos uma reflexão sobre o papel do professor nesse contexto, finalizando com os principais resultados encontrados na pesquisa, contribuindo assim para uma educação que valoriza a diversidade cultural e racial, tornando o espaço escolar um ambiente mais justo e igualitário.

IDENTIDADE INFANTIL E REPRESENTATIVIDADE NEGRA

A concepção de infância foi sendo estudada e compreendida de diversas maneiras ao longo dos séculos. De acordo com Niehues e Costa (2012, p. 284) até o século XII não havia uma concepção de infância, pois os estudos mostram que este período ficou “encoberto”, pois as representações gráficas que ilustravam as crianças não eram conhecidas. As autoras citam Áries (1981 apud NIEHUES, COSTA, 2012, p. 284) que define que "na sociedade medieval a criança a partir do momento em que passava a agir sem solicitude de sua mãe, ingressava na sociedade dos adultos e não se distinguia mais destes". (p.156).

A infância nesse período não existia, as crianças eram vistas como adultos em miniatura, isso se refletia nas vestimentas e costumes, que eram os mesmos de pessoas adultas, sem tratamento diferenciado ou compreendidas dentro desse universo chamado infância. (NIEHUES, COSTA, 2012, p. 284).

O sentimento de infância, de preocupação com a educação moral e pedagógica, são ideias que surgiram já na era da modernidade, os sinais de desenvolvimento com relação as particularidades da infância passaram a ser mais significativos a partir do fim do século XVI e XVII, sinais esses que foram se revelando nos modos de vestir, de educar, bem como a separação das crianças de outras classes sociais. (BARBOSA, MAGALHÃES, 2013, p. 3).

A passagem da criança pela família e pela sociedade era muito breve e muito in significante para que tivesse tempo ou razão de forçar a memória e tocar a sensibilidade. Contudo, um sentimento superficial da criança – a que chamei “paparicação” – era reservado à criancinha em seus primeiros anos de vida, enquanto ela ainda era uma coisinha engraçadinha. As pessoas se divertiam com a criança pequena como um animalzinho, um macaquinho impudico. Se ela morresse então, como muitas vezes acontecia, alguns podiam ficar desolados, mas a regra geral era não fazer muito caso, pois uma outra criança logo a substituiria. A criança não chegava a sair de uma espécie de anonimato. (ÁRIES, 2006, p. 10 apud CAMPOS, RAMOS, 2018).

Na concepção de Jean Jacques Rousseau, a criança nasce naturalmente boa e é corrompida pela sociedade por meio de uma má educação. O autor defende a ideia de uma educação negativa que possa formar o ser humano livre, mas capaz de prezar pelo bem comum e assim prega a liberdade da criança. (CAMPOS, RAMOS, 2018, p. 242).

Partindo da premissa de que a concepção de infância foi sendo reformulada e concebida por diferentes sociedades em diferentes épocas, devemos então considerar que é possível que a infância seja também compreendida de formas variadas em cidades diferentes. (FIGUEIREDO, PEREIRA, 2006, p. 73).

Em seu trabalho, Figueiredo e Pereira (2006, p. 75) retratam então como é ser uma criança negra no Brasil e como se constrói a identidade dessa criança. As autoras fazem um levantamento bibliográfico com pesquisadores e estudiosos a respeito do tema, elencando as principais visões que se tem sobre a infância da criança negra no país, como por exemplo: a criança negra geralmente vem de famílias menos favorecidas financeiramente, sendo vistas e tratadas como abandonadas e desassistidas pela sociedade, assim como futuramente encaradas como delinquentes, enfrentando o âmbito carcerário. (PEREIRA, 1985 apud FIGUEIREDO, PEREIRA, 2006, p. 75).

As autoras afirmam que a identidade é um conceito do qual faz parte a ideia de diferença e individualidade, cuja construção ocorre de forma gradual e se dá por meio das interações sociais estabelecidas pela criança, sendo o ambiente familiar como a matriz de todo esse processo, servindo de modelo para a construção de identidade e autonomia. "A afirmação do ser humano é, portanto, um fenômeno sociocultural. E esse contexto é o responsável pelo processo de identificação". (FIGUEIREDO, PEREIRA, 2006, p. 77).

No documento oficial Currículo da Cidade – Educação Antirracista, encontramos orientações no que se refere à pluralidade racial estabelecida em nossa sociedade, afirmando a importância de se discutir e trabalhar a temática antirracista, pois de acordo com o documento, quando as crianças, tanto brancas como negras, forem apresentadas desde bem pequenas às diversidades e às práticas sociais antirracistas, vão construir uma identidade fortalecida, respeitando e acolhendo as diferenças raciais e culturais. (SÃO PAULO, 2022, p. 200).

O currículo da cidade da Educação Infantil enfatiza a urgência de se desenvolver a educação antirracista no cotidiano escolar, a fim de erradicar as práticas de violência e racismo contra bebês e crianças oriundos de todos os grupos étnico-raciais. O documento considera a escola como um espaço não-neutro, que pode tanto perpetuar e reforçar atitudes discriminatórias em relação a bebês, crianças e jovens negros, como pode impedir essas atitudes, propondo estudos e discussões que abordem essa temática, com a finalidade de combater o racismo e preconceito racial. Na Educação Infantil, por exemplo, o documento orienta sobre práticas que podem ser realizadas na escola com bebês e crianças bem pequenas, como por exemplo:

> Um modo muito efetivo de enfrentar esse desafio na Educação Infantil é ofertar às crianças representações gráficas, literárias, científicas e artísticas que contemplem essa diversidade, para que encontrem nos textos lidos personagens que protagonizem diferentes histórias. Dessa forma, bebês e crianças se reconhecem em suas identidades e podem compreender a diversidade étnica e racial do mundo como uma grandeza de experiências e possibilidades. A escola é espaço de formação e de construção das identidades sociais dos bebês e das crianças, que se compromete com a transformação social (SÃO PAULO, 2019, p. 46).

O currículo da cidade antirracista fala sobre a importância da literatura nas escolas, pois segundo o documento "a literatura ensinada nas escolas tem um papel extremamente importante porque possibilita aos estudantes refletirem sobre o mundo, criar realidades e ampliar o repertório de linguagem." (p. 169). Por isso, o mesmo orienta sobre a escolha de literatura que abordem a diversidade racial e cultural da humanidade.

De acordo com as pesquisas de Abramowicz et al (2010, p. 4) a criança negra tem apresentado características infantis de baixa autoestima, por frequentarem espaços que não acolhem suas particularidades, como a escola por exemplo, que para a autora que "para além de se constituir em um equipamento produtor e centralizador de sentidos e de produção hegemônica de modelos". (ABRAMOWICZ et al, 2010, p. 4). A escola mui-

tas vezes se torna um ambiente excludente e "embranquecido", tornando preocupante a ausência de conteúdos que possam contemplar também o aluno negro, assim como o silencia da equipe pedagógica da escola a respeito do tema (ABRAMOWICZ et al, 2010, p. 4).

A cultura negra é silenciada na escola, um silêncio que corresponde à inexistência e não simplesmente ao ato de calar-se, omitir ou abafar, mas como uma maneira de não ver, de relegar, um 'pacto' que não deve ser quebrado, pois senão teríamos que refazer o currículo, refazer a escola. Diante disso, a escola reproduz um discurso baseado na igualdade de todos os seus alunos. A partir desse discurso da igualdade, os agentes pedagógicos acabam acionando mecanismos de poder que fixam um modelo de sociedade e punem todos aqueles que dele desviam, mutilando a particularidade cultural do segmento da população negra brasileira, a partir de um ritual que se legitima na instituição escolar, não por aquilo que é dito, mas por tudo aquilo que silencia. (ABRAMOWICZ et al, 2010, p. 4).

Silva (2015, p. 24) abordou em sua tese a necessidade e relevância de não abordarmos a diversidade racial como "igualdade", mas sim, despertarmos para a questão da pluralidade que existe em nossa sociedade. A autora trouxe exemplos claros de situações em que a ideia de igualdade se mescla sutilmente com o racismo estrutural, contribuindo para a perpetuação das práticas racistas na escola, como por exemplo, em uma história em quadrinhos (p. 40), uma criança branca ofendia a criança negra chamando-a de "cabelo bombril". Quando a criança negra questionou a professora, a mesma adotou a postura de que "somos todos iguais". Ao passo que a criança branca não desejava se parecer com a criança negra, a -mesma levantou o seguinte questionamento: "somos mesmo todos iguais?" Isso denota o quanto precisamos abordar essa questão como seres plurais e diferentes, levando o grupo a refletir sobre o respeito a diversidade.
Benilda Brito (Canal Preto, 2019) discorre sobre as consequências irreversíveis provocadas pelo racismo praticado na escola. A autora fala sobre a importância de se formar educadores prontos para discutir a diversidade racial e cultural, pois o professor que se identifica, que entende a relevância de abordar a questão racial em sala de aula, tende a combater o racismo com práticas antirracistas. Não basta não sermos racistas. É importante que sejamos antirracistas, aquele que dá voz ao negro, que combate o racismo face a face, para que o racismo não seja mais enraizado em nossa sociedade (CANAL PRETO, 2019).
Carneiro e Russo (2020, p. 108) refletem sobre o quanto a falta de representatividade pode ser prejudicial no processo de autoconhecimento e autoidentificação de crianças negras. As autoras analisam a necessidade de a representatividade estar presente no brinquedo (como bonecas negras, por exemplo) e que este possa representar a criança de maneira positiva, contribuindo para a construção de uma autoestima elevada. Além disso, segundo as autoras essa representatividade permite que as outras crianças possam lidar com o diferente no outro, cultivando o respeito mútuo e a convivência com as diferenças.
O currículo da cidade antirracista também fala sobre a importância da representatividade negra na escola, não só nos brinquedos, mas na literatura, professoras e professores negros, gestores (as) negros e a abordagem positiva de pessoas negras em posição de destaque na sociedade. O documento também orienta a equipe docente a refletir sobre de que maneira os personagens negros estão sendo retratados, tendo o cuidado de não reforçar ainda mais a ideia do eurocentrismo, de uma sociedade homogeneizada e branca, inferiorizando ainda mais a cultura negra.

CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS COMO FERRAMENTA EDUCACIONAL PARA A IMPLEMENTAÇÃO DA LEI 10.639/2003

A Lei 10.639/2003 tornou obrigatório o ensino da História e Cultura Afro-Brasileira nas escolas de educação básica, ampliando a responsabilidade do sistema educacional em promover a educação antirracista. As práticas pedagógicas, portanto, precisam

estar em consonância aos currículos e metodologias concretas, sendo a contação de histórias uma ferramenta estratégica por permitir trabalhar a construção da identidade, representatividade e valorização da diversidade de forma lúdica.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2018) reforça a importância do contato da criança com o universo literário, pois além de desenvolver o gosto pela leitura, estimula a imaginação e amplia o conhecimento de mundo. O documento ressalta o contato da criança com diversos gêneros textuais, como fábulas, contos, poemas, cordéis, parlendas, onde o docente precisa promover experiências que permitam que a criança participe, possa falar e ouvir, de modo a potencializar sua participação na cultura oral, pois por meio da escuta de histórias "a criança se constitui ativamente como sujeito singular e pertencente a um grupo social".

Dentre as práticas pedagógicas citadas pelas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (2010, p. 25), temos a orientação de garantir experiências que "possibilitem às crianças experiências de narrativas, de apreciação e interação com a linguagem oral e escrita, e convívio com diferentes suportes e gêneros textuais orais e escritos".

O currículo da cidade antirracista fala sobre escolher narrativas que potencializem as figuras na História, embora não possamos negligenciar fatos históricos, como a escravização de pessoas negras no passado, não podemos focar somente nisso, pois assim, podemos perpetuar as práticas racistas na escola. Rosa (2021 apud SÃO PAULO, 2022) afirma que:

[...] a obra apresenta em seu enredo, histórias diversas de vivências e experiências carregadas de carinho, ternura, abraços, laços de amizade, rede de afetos, acolhimento, risos, choros e alegria. Mesmo com enredos espinhosos, mesmo com abordagens de temas indigestos, o amor e os sentimentos de "não estar sozinho ou abandonado" deverão estar presentes. Os personagens apresentados deverão ser transbordantes de humanidade. E a obra ainda deve contemplar diversidade racial, priorizando, no entanto, o protagonismo negro. Esta representatividade negra positiva deverá ser percebida através dos textos e das imagens e no diálogo entre ambos.

O professor deve utilizar a contação de histórias, de modo que venha levar a criança negra a se sentir pertencente ao contexto ao qual está inserida. A contação de história contribui para elevar a autoestima da criança negra. A literatura negra é aquela desenvolvida por autor negro ou mulato que escreva sobre sua raça dentro do significado do que é ser negro, da cor negra, de forma assumida, discutindo os problemas que a concernem: religião, sociedade, racismo. (LOBO, 2007 apud CAVALCANTE et al, 2021).

Santos (2017, p. 51) reitera sobre as transformações ao longo do tempo que vem ocorrendo na literatura infantil, descentralizando a ideia eurocêntrica, pois a literatura contemporânea traz exemplares que abordam questões raciais. A autora cita a obra "O cabelo de Lelê" de Valéria Belém, que narra a história de uma menina negra insatisfeita com os seus cachos e ao buscar explicação para os cachos, conheceu a história da África, sobre sua identidade e que o cabelo enrolado vinha da afrodescendência. Ao conhecer a sua história, a menina se reconheceu e valorizou a sua identidade e história.

Também podemos citar a história "Um amor de cabelo" de Matthew A. Cherry, que fala sobre aceitação, diversidade e autoestima. Zuri é uma criança negra, curiosa e cheia de imaginação, enquanto descobre a beleza de seus próprios cabelos. A história também traz a figura do pai, que se esforça em realizar um penteado especial em uma data importante em que a mãe retorna para casa após um tratamento médico. Na história, percebemos que Zuri se depara com diversos vídeos, revistas e livros que retratam a figura negra de maneira positiva, mães e mulheres negras que ensinam diversos penteados a serem feitos no cabelo afro, enfatizando o amor-próprio, valorizando a diversidade e autoestima de meninas negras.

Ao desenvolvermos esse conteúdo na escola, especialmente na Educação Infantil onde a contação de histórias está muito presente, ensinamos de maneira lúdica aos nossos pequenos, que há diferenças entre nós e que

essas diferenças precisam ser respeitadas. Por meio da literatura, é possível desenvolver uma autoimagem positiva entre crianças negras e reforçar entre as crianças brancas, a necessidade e importância de respeito mútuo e boa convivência.

O cabelo do negro, visto como "ruim", é expressão do racismo e da desigualdade racial que recai sobre esse sujeito. Ver o cabelo do negro como "ruim" e do branco como "bom" expressa um conflito. Por isso, mudar o cabelo pode significar a tentativa do negro de sair do lugar da inferioridade ou a introjeção deste. Pode ainda representar um sentimento de autonomia, expresso nas formas ousadas e criativas de usar o cabelo. (GOMES, 2003.p.3 apud SANTOS, 2017, p. 54).

Ao contarmos histórias como essas, percebemos que a personagem, enquanto representação da imagem do negro, acaba por passar por uma mudança de concepção. A imagem do negro deixa de ser um problema e passa a ser motivo de orgulho, levando as crianças negras a conhecerem suas origens e a importância de seu povo para a construção cultural do seu lugar. Vemos aqui, a pluralidade e a miscigenação como algo a ser exaltado e não inferiorizado. (SANTOS, 2017, p.56).

O reconhecimento da identidade é essencial para o desenvolvimento da autoestima positiva, pois, através da mesma o indivíduo identifica sua posição histórica e social, desenvolvendo uma segurança maior em relação às suas características físicas. A autoestima propicia a aceitação e o entendimento de sua autoimagem. No momento em que o sujeito compreende o significado histórico-social das características em que está inserido, mais facilmente poderá se compreender e se valorizar. (SILVA et al, 2015).

PAPEL DO PROFESSOR FRENTE ÀS PRÁTICAS ANTIRRACISTAS

O preconceito racial pode prejudicar o desenvolvimento integral da criança, pois pode afetar a autoestima e a formação da identidade delas. Essas ações discriminatórias podem ser observadas tanto de forma explícita como, e principalmente, de forma velada, nas relações que matem com os adultos que a orientam e com seus pares. (SILVA et al, 2015).

A desvalorização da criança negra no ambiente escolar é vista com frequência, principalmente através de piadas relacionando o negro a algo desvalorizado e inferior. Essas atitudes ganham força com a omissão de quem deveria educá-la. Normalmente, as ações preconceituosas das crianças com seus pares não têm a atenção que deveria, pois os professores, muitas vezes, acreditam serem apenas brincadeiras de criança. (SILVA et al, 2015).

Cavalcante (2024, p. 3) relembra que o direito à educação foi negado para a criança negra por um longo período, mas ao passarem a ter esse direito, se depararam com espaços escolares que desvalorizam suas origens, fenótipos e contribuições culturais, enfrentando ainda muitos problemas com relação a discriminação e preconceito. Para o autor, a formação docente voltada para a diversidade étnico-racial é um dos pontos cruciais para se praticar a educação antirracista, pois "professores bem preparados são fundamentais para criar um ambiente escolar inclusivo, onde as questões raciais possam ser discutidas de forma aberta e crítica." (p. 12).

A formação de professores deve também abordar o papel dos educadores na construção de identidades negras e no combate ao racismo dentro e fora da escola. Isso exige que os professores estejam preparados para lidar com os desafios impostos pelo racismo estrutural e para criar estratégias pedagógicas que promovam a equidade racial. Além disso, é essencial que os professores compreendam o impacto do racismo nas vidas de seus alunos e estejam equipados para mediar discussões sobre essas questões de forma sensível e eficaz. (CAVALCANTE, 2024, p. 12).

Para Silva (et al, 2015) a escola e o professor têm um papel importante na formação do aluno, pois contribuem diretamente para o desenvolvimento da sua personalidade. Suas ações educativas podem influenciar de forma negativa ou positiva na construção da

sua identidade. Um professor com práticas autoritárias, que se posiciona como o único detentor do saber e que não valoriza o conhecimento dos alunos ou não o estimula a pensar criticamente sobre o assunto, ou ainda supervaloriza os seus defeitos em detrimentos de suas qualidades, reprime suas ações e sentimentos e possibilita o desenvolvimento de uma autoestima negativa.

Portanto, entendemos que a principal missão do professor frente à educação antirracista não é somente transferir conhecimentos como se os alunos fossem uma tábula rasa, visto como meros receptores do conhecimento. Nesse sentido, além de ser aberto e receptivo às dúvidas, críticas, posicionamentos dos alunos, o professor precisa se dedicar a esse estudo, se formar para trabalhar a diversidade cultural e racial em sala de aula, a fim de combater o racismo estrutural.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo tinha como objetivo principal encontrar evidências, por meio de uma revisão literária, a importância da educação antirracista e seu impacto na formação da identidade infantil presente no ambiente escolar. Além disso, a pesquisa também pretendia abordar a questão da representatividade negra na escola, por meio de figuras em posição de destaque (gestão, professor, etc.) como nos personagens em livros literários voltados para o tema.

A análise evidencia que educação antirracista constitui um caminho indispensável para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária, sobretudo quando se considera a infância como etapa fundamental na formação da identidade. Nesse ínterim, temos a necessidade de buscar meios para reforçar uma visão positiva sobre si mesmo no que se refere às crianças negras, por meio de literaturas que abordem essa questão de maneira leve, valorizando as diferenças raciais e culturais.

A pesquisa também mostrou que não se deve tratar as crianças como “iguais” entre si, mas sim, ressaltar que somos diferentes e que essas diferenças devem ser respeitadas. A literatura e a contação de história entram como importante nesse quesito, pois por meio da imaginação e fantasia, podemos de maneira lúdica e acessível, sobre os fenótipos, tipos de cabelo, cor da pele, heranças ancestrais e a contribuição da cultura africana em nossa sociedade.

O professor assume um papel central. Ele não apenas transmite conhecimentos, mas atua como mediador cultural, responsável por criar ambientes educativos que promovam o respeito à diversidade, desconstruam estereótipos e fortaleçam a autoestima das crianças. Sua prática pedagógica, quando pautada na contação de histórias, na escolha crítica de materiais didáticos e na valorização da oralidade e da cultura afro-brasileira, torna-se uma ferramenta potente para a implementação de uma educação verdadeiramente antirracista.

Entretanto, para que esse processo se efetive, é necessário investir na formação inicial e continuada dos docentes, fornecendo subsídios teóricos e práticos que lhes permitam trabalhar com segurança, sensibilidade e intencionalidade pedagógica. Além disso, a escola precisa ser compreendida como espaço de resistência ao racismo estrutural, articulando currículo, práticas educativas e projetos comunitários que garantam visibilidade, representatividade e pertencimento a todas as crianças.

Portanto, conclui-se que a efetivação da educação antirracista na infância depende, em grande medida, do compromisso ético e político do professor, que deve assumir sua função como agente transformador. Mais do que cumprir a legislação vigente, trata-se de promover experiências educativas que permitam às crianças reconhecerem-se em sua pluralidade, construírem identidades afirmativas e desenvolverem valores de empatia, solidariedade e respeito às diferenças. Assim, a escola se fortalece como espaço de justiça social, onde a representatividade não é apenas presença, mas prática cotidiana de valorização da diversidade e de combate ao racismo.

REFERÊNCIAS

ABRAMOWICZ, A. OLIVEIRA, F. RODRIGUES, T.C. A criança negra, uma criança e negra. Educação e Raça: perspectivas políticas, pedagógicas e estéticas. Belo Horizonte, p. 75-

96, 2010. Disponível em: https://www.criancasinfancias.ufscar.br/wp-content/ uploads/ 2000/12/12-a-criana-negra.pdf. Acesso em: 28 set. 2025.

BARBOSA, A.A. MAGALHAES, M.G.D. A concepção de infância na visão Phillipe Áries e sua relação com as políticas públicas para a infância. Examãpaku, v. 1, n. 1, 2008. Disponível em: https://revista.ufrr.br/examapaku/ article/view/1456/1050. Acesso em: 23 set. 2025.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular: Educação Infantil e Ensino Fundamental. Brasília: Ministério da Educação, 2018.

_____. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Brasília, DF: MEC/ CNE/CEB, 2010.

CAMPOS, R.K.N. RAMOS, T.K.G. A concepção de infância em Rousseau. São Cristóvão, Sergipe, v. 11, n. 1, p. 239-250, dez. 2018. Disponível em: https:// dialnet. unirioja. es/ servlet/ articulo?codigo=8640899. Acesso em: 28 set. 2025.

CANAL PRETO. O racismo é perigoso na educação das crianças. [vídeo]. YouTube, 1 out. 2019. Disponível em: https:// www. youtube. com/ watch?v= KZGNu 4NcWLs. Acesso em: 28 set. 2025.

CARNEIRO, C.Z. RUSSO, M.J.O. A criança negra e a representatividade racial na escola. Cadernos de Educação, v. 19, n. 38, jan/ jun, 2020. Disponível em: https:// scholar. Googleu sercontent.com/scholar?q=cache:ScCITLvNZBcJ:scholar.google.com/+representatividade+negra+na+escola&hl=pt-BR&as_sdt=0,5. Acesso em: 28 set. 2025.

CAVALCANTE, K.L. A escola e a desconstrução do racismo: a necessidade de uma educação antirracista. Interdisciplinar, v. 9, n. 6, 2024. Disponível em: https:// v3. Cadernos cajuina. pro.br/index.php/revista/article/ view/740/702. Acesso em: 29 set. 2025.

CAVALCANTE, M.L.A. BARROS, W.D.C. SILVA, F.P. A arte de contar histórias étnico-raciais na Educação Infantil: uma proposta metodológica para contação de histórias com personagens negras. Congresso brasileiro sobre letramento e dificuldades de aprendizagem. 2021. Disponível em: https:// www. editora realize. com. br/ editora/ anais/ conbrale/ 2021/ TRABALHO_COMPLETO_EV162_MD1_SA114_ID164_07092021194006.pdf. Acesso em: 28 set. 2025.

FIGUEIREDO, L.A. PEREIRA, J.H.V. Educação, Identidade e Infância Negra. Série-estudos: periódico do mestrado em Educação da UCDB, Campo Grande, n. 22, p. 71-90, jul/ dez. 2018. Disponível em: https://www.serie-estudos.ucdb.br/serie-estudos/article/ view/276/131. Acesso em: 28 set. 2025.

NIEHUES, M.R. COSTA, M.O. Concepções de infância ao longo da história. Revista Técnico Científica, v. 3, n. 1, 2012. Disponível em: https:// periodicos. ifsc. edu. br/ index. php/ rtc/ article/ view/420. Acesso em: 23 set. 2025.

SANTOS, F. Identidade negra e literatura infantil. Revista Fórum Identidades, Itabaiana – SE, v. 24, p. 45-60, mai/ago. 2017. Disponível em: https:// ufs. Em nuvens. com. br/ fórum identidades/ article/view/7118/5736. Acesso em: 28 set. 2025.

SÃO PAULO. Currículo da Cidade – Educação Antirracista: orientações para a rede municipal de ensino. São Paulo: Secretaria Municipal de Educação, 2022.

_____. Currículo da Cidade: Educação Infantil. São Paulo: Secretaria Municipal de Educação, 2019.

SILVA, S.P.S. et al. A autoestima da criança negra e suas implicações no processo de aprendizagem. Realize, v. 1, ed. 4, 2015. Disponível em: https:// www. editora realize. com. br/editora/anais/fiped/2015/TRABALHO_EV050_MD1_SA9_ID487_09102015000936.pdf. Acesso em: 28 set. 2025.

SILVA, T.R. Criança e negra: o direito à afir-

mação da identidade negra na Educação Infantil. 2015. 223f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2015.